

Câmera Indiscreta: Descobertas e reflexões sobre a Literatura Brasileira - Aspectos gerais sobre a produção Literária de José Augusto Coppi

Prof. Dda. Penha Lucilda de Souza Silvestre (penhasilvestre@uol.com.br)
(<http://lattes.cnpq.br/7583061742115213>)

Vamos a um bosque para passear. Se não somos obrigados a sair correndo para fugir do lobo ou do ogro, é uma delícia nos demorarmos ali, contemplando os raios do sol que brincam por entre as árvores e salpicam as clareiras, examinando o musgo, os cogumelos, as plantas rasteiras. Demorar-se não quer dizer perder tempo: com freqüência, a gente pára a fim de refletir antes de tomar uma decisão.

Umberto Eco. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. p. 56.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Flashes! Luzes! Câmera! Imagens que se revelam indiscretamente. Personagens diversos, complexos e inacabados, retratados pelo seu *modus vivendis*, pelos conflitos interiores que os afligem. A câmera, indiscretamente, flagra momentos do cotidiano e revela os movimentos de cada ser que se defronta ante as lentes que captam seus menores movimentos, seja num ritmo lento, rápido, introspectivo, mas que se torna visível parte da trajetória do ser. Assim, a arte pode mostrar e registrar os eventos humanos e levar o leitor à reflexões críticas. Nesse sentido, voltamos nosso olhar para a produção do escritor paranaense José Augusto Coppi.

José Augusto Coppi (Jacarezinho- PR - 1953 -) formou-se Bacharel em Direito pela Faculdade Estadual de Direito do Norte Pioneiro em 1977, em Jacarezinho - PR. Advogado licenciado da OAB - PR. Graduando no curso Letras\Literatura pela Universidade Estadual do Norte do Paraná UENP/ FAFIJA. Cidadão Emérito da cidade em que reside, título concedido pela Câmara de Vereadores de Jacarezinho – PR, através do Decreto Legislativo 2/2006, de 31. 05. 2006. Autor dos romances *Os retirantes do Araçá* (2000) e *Alvorecer aos quarenta* (2001) e os livros de contos intitulados *Contos de vanguarda* (2002) e *Câmera indiscreta* (2006).

O escritor recebeu várias premiações de diversas instituições renomadas, tais como: No ano de 1999, recebeu Menção Honrosa no XIII Concurso de Contos, FAFIJA - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho (PR), com a apresentação do conto “Encontro com papai Noel”. Menção honrosa no VII Concurso de Contos Prof. Levindo Cintra. ASES, Associação de Escritores de Bragança Paulista (SP), 2001, conto “Porteira fechada”.

Em 2002, recebeu o 1º lugar, no IX Concurso literário Internacional Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafaiate – MG, com a participação do conto intitulado “Apenas um pequeno deslize”. No ano seguinte, o conto “A escolha” recebeu a primeira colocação no IX Concurso de conto Prêmio jornalista William Cardoso, ASES, Associação de escritores de Bragança Paulista – SP.

Em 2005, no III Concurso Nacional de Literatura Revelações do Terceiro Milênio, Caçu (GO), conquistou o primeiro lugar com o conto: “Uma caixa de lápis de cor”. Além de outras premiações, participa de várias antologias de contos como: *Espelhos da língua* (Editora Cultura em Movimento, Blumenau (SC)); *Prosa e verso* (Editora Nova Letra, Blumenau - SC); *Letras no Brasil IV* (Editora Taba Cultural, Rio de Janeiro - RJ); *Emoções* (Editora AG, São Paulo- SP); *Antologia literária e artística* (Editora Phoenix, São Paulo -SP); *Palavras no terceiro milênio* (Editora Phoenix, São Paulo - SP); *Banco de talentos* (Publicação da FEBRABAN, São Paulo - SP), dentre outras antologias.

Diante desse quadro, em que o autor é contemplado com um número significativo de premiações, indiscutivelmente, comprometidos com a produção literária contemporânea, selecionamos o conto “O envelope azul”, parte do livro *Câmera indiscreta* (2006), publicado pela editora Litteris: KroArt. A obra apresenta dezessete contos, inclusive um deles intitulado “Câmera indiscreta”. Os contos, de forma geral, flagram momentos da vida cotidiana, impulsos, desejos insólitos, máscaras, flagrantes de situações excepcionais e inusitadas. Enfim, discute a vida registrada numa câmera indiscreta.

UMA POSSÍVEL LEITURA: O MISTERIOSO ENVELOPE AZUL

O texto intitulado “O envelope azul”, de José Augusto Coppi narra a história de uma dona de casa que recebe um envelope azul, anônimo. À primeira vista, o texto parece girar em torno de um provável adultério: o envelope azul guardaria uma revelação que abalaria a rotina da personagem protagonista, uma vez que ela cria uma série de suposições do que se trata o conteúdo do mesmo, porém não se sente disposta a abri-lo. No entanto, o evento provoca-lhe uma série de perturbações que a afeta durante o dia todo.

Ela imagina uma série de fatos, sobretudo relacionado às atitudes do marido e de sua integridade moral. No final da noite, a espera do esposo, assiste a um programa televisivo que discorre sobre a fidelidade conjugal. Isso lhe perturba intensamente. Ela dorme e sonha com a tal traição. No final da noite, o marido chega após uma exaustiva reunião como dissera a esposa, acorda-a no meio de um sonho que o incriminara. Por fim, a mulher abre o envelope e chega a conclusão de que não se trata da revelação de um adultério, mas sim de uma simpatia para emagrecer.

O final da narrativa flagra a protagonista numa situação de equilíbrio reinstaurado, supera o problema do misterioso envelope azul e tudo parece voltar a rotina costumeira. Assim, a temática decorre dos conflitos interiores e do medo de enfrentar situações que podem romper com costumes solidificados no decorrer do tempo. Daí o medo frente aos obstáculos da vida e eventos que perturbam a rotina. Como também, a insegurança, o modelo familiar, a ansiedade, a relação entre marido e mulher, o cômico, o sofrimento emocional, o comodismo, a razão *versus* a emoção.

No que se refere ao foco narrativo, o ponto de vista do narrador é onisciente, de visão ilimitada, conhece os dados da vida interior da personagem protagonista: “Recolheu as correspondências da caixa de correio e subiu as escadas. Cansada, sentou-se à mesa e, conforme o costume, separou as correspondências – naquela tarde, escassas, resumindo-se à conta de água e um envelope azul” (COPPI, 2006, p. 27). O narrador acompanha todos os movimentos da personagem. Como também lhe cede a voz, inclusive permite-lhe que esta expresse uma imagem do marido:

Na certa ouviria do marido:

- Outra vez, um dinheirão jogado no ralo!

Ele dizia tal frase sempre que a conta chegava, como se apenas ela fosse culpada (COPPI, 2006, p. 27).

Podemos observar que o narrador toma partido da mulher e ao mesmo tempo cria uma expectativa em relação ao comportamento e atitudes do marido e da situação vivenciada pela personagem. Nesse sentido, o narrador detém uma visão geral da relação entre o casal, revela vagarosamente como que instigando o leitor, ou seja, revela um processo de aproximação e distanciamento.

Para isso, oferece informação por meio dos pensamentos da personagem, como as inquietações e as interrogações que se mesclam entre a voz narrativa e a da própria personagem, mas desorienta o leitor e a dúvida se configura de uma forma mais intensa. Os leitores, então, precisam decifrar as ambigüidades, visto que estes são convidados a participar do evento ficcional à moda machadiana: “Nada no colarinho da camisa, nada na calça, mas para seu espanto, e creio que para espanto seu, leitor/leitora, eis [...]” (COPPI, 2006, p. 27).

Parece-nos uma provocação ou uma especulação muito sutil para testar o receptor. Aliás, o narrador procura controlar o fluxo de leitura. À medida que transcorrem os fatos, apropria-se de estratégias que aproxima o leitor de si. Então, o sucesso de interação acontece porque o leitor é convidado a preencher as lacunas apresentadas no texto, pontuando a cooperação. De fato, o receptor é obrigado a reavaliar, questionar e decifrar o mistério do envelope azul. Vale assinalarmos que essa atividade é controlada pelo texto, isto é, a partir de um jogo de relações internas que ocorre a reconstrução do contexto necessário à compreensão da narrativa, fundamentando-se na estrutura do texto.

Dessa forma, o leitor não é um mero decodificador de sinais gráficos, mas um sujeito que faz parte do jogo ficcional. Esta idéia nos remete aos pressupostos teóricos de Umberto Eco, em seu texto *Seis passeios pelo bosque da ficção*, ler ficção:

[...] significa jogar um jogo através do qual damos sentido à infinidade de coisas que aconteceram, estão acontecendo ou vão

acontecer no mundo real. /.../ Quando entramos no bosque da ficção, temos de assinar um acordo ficcional com o autor e estar dispostos a aceitar, por exemplo, que lobo fala; mas, quando o lobo come Chapeuzinho vermelho, pensamos que ela morreu (e essa convicção é vital para o extraordinário prazer que o leitor experimenta com sua ressurreição) (ECO, 1994, p. 83).

Assim, o narrador coloca em dúvida a relação do casal, ou melhor, a fidelidade do esposo. Para tanto, estabelece um jogo com o leitor, misturando a sua voz e da personagem: “Não! Não! O marido era de índole cristã, dono de muitas virtudes, entre elas, a sinceridade. Não era dado a ficar nos bares”. (COPPI, 2006, p.28). De certo modo, há um movimento de construção e desconstrução.

Já a protagonista da narrativa é uma senhora, dona do lar, preocupada com as atividades domésticas, submissa, pois nunca ousava enfrentar os protestos do marido, mas essa submissão era disfarçada para si mesma, porque fizera um bom casamento aos olhos alheios, pois: “Nunca trabalhou fora. Desde aquele dia festivo em que descera do altar, arrastando a longa cauda do vestido de noiva pela igreja, causando inveja às amigas.” (COPPI, 2006, p.27). Ela representa a doação para o outro, visto que “dedicara-se ao marido, aos filhos, ao lar, doce lar. Jamais contratara uma babá, arrumadeira, lavadeira, cozinheira”. (COPPI, 2006, p.27). Então, autoridade e submissão sustentam o relacionamento do casal, embora aconteça de uma maneira sutil e imperceptível.

No que se refere ao tempo, podemos notar que transcorre, aparentemente, sem muitas modificações uma vez que a mulher: “Continua sendo uma dona-de-casa exemplar, calejada, mas mesmo residindo apenas com o marido, há coisas para se fazer na casa [...] e o seu corpo robusto dispara o ponteiro de qualquer balança”. (COPPI, 2006, p.27). A obesidade pode estar relacionada a um mecanismo de defesa. Conforme Cristina Cairo, psicóloga, diz que: “A gordura é o casulo que a pessoa cria, inconscientemente, para se proteger e se esconder dos problemas externos” (CAIRO, p.1999, 157).

Dessa maneira, a mulher passa por um processo de mudança, sobretudo ao receber o *Misterioso* envelope. A mulher percebeu-o, mas sua atenção voltou-se para a conta de água que continuava altíssima. Por certo, o marido reclamaria

e exigiria uma redução no uso da mesma. Então, ela dirigiu-se a cozinha, alimentou-se e decidiu que não deixaria de lado a rega das plantas. Em outras palavras, ela rompe com a autoridade do marido: “- Que a conta de água vá para o diabo que a carregue! - desabafou. Não ficaria sem fazer nada. Bem verdade precisava ir ao supermercado.” (COPPI, 2006, p.28). A esposa passa por conflitos interiores, ou seja, obedecer às regras do marido ou assumir seus desejos.

O envelope azul representa uma ameaça à tranquilidade da mulher, instaura-se, portanto, uma tensão que se traduz num sentimento de insegurança, medo e dúvida: “Com o coração aos pulos, apanhou o envelope, as mãos trêmulas, a ansiedade, o medo de estar sendo passada para trás à flor da pele, mas não teve coragem de abri-lo.” (COPPI, 2006, p.27). Isso nos remete às estratégias de Clarice Lispector, ou seja, um simples acontecimento provoca rupturas interiores.

A angústia é experimentada sob a forma do temor. Descobrir ou desvelar o que guarda o envelope azul provoca uma situação de desamparo, representa, pois, uma situação de perigo e de fragilidade. Então, o sentimento de equilíbrio é substituído pelo caos interior. A personagem vive um processo epifânico a partir desse fato banal.

Já o conto intitulado “Câmera indiscreta” que se vale pelo nome do título do livro, o narrador observador flagra um fato vivido por seu Olegário, um senhor com mais de sessenta anos, que realiza o sonho de sua vida: assistir ao jogo de seu time, o Flamengo, no Maracanã. Para tanto, desloca-se de uma cidade do interior e dirige-se ao Rio de Janeiro. Ao chegar a cidade é abordado por Susy: “- Suzy com zê e ípsolon no final” (COPPI, 2006, p.72), tal como explicou-lhe a moça.

Seu Olegário deixa-se levar pela aventura, passa a noite com a garota de programa, paga-lhe para acompanhá-lo no jogo tão esperado. A família que ficara esperando em casa, assiste ao evento de futebol pela transmissão televisiva com o intuito de torcer para o time de Olegário. No entanto, a câmera indiscreta focaliza, justamente, o casal que chamou a atenção: “O belo corpo de Susy

contrastava com o corpanzil de Seu Olegário. Deve ter sido esse contraste o motivo do câmara flagrar o casal.” (COPPI, 2006, p.73).

Desse modo, há duas situações: de um lado, Olegário que experimenta situações inusitadas, desprende-se de tudo que o liga ao seu mundo cotidiano, dos valores e preceitos morais. Talvez, vivencia uma fantasia inconsciente. Por outro lado, no ambiente familiar, a esposa e os demais, incrédulos, não acreditam na cena em que a câmara flagra. Isso provoca uma ira intensa em dona Alzira:

[...] sentiu ímpetos de dar-lhe murros e pontapés. Deu, no sofá, um soco forte, assustando o neto e profetizou:
- Quando ele chegar, vai ser de lascar! Ele me paga, ora se paga! Vou fazer o maior escarcéu. (COPPI, 2006, p.74)

Podemos observar que o final da narrativa, de certa maneira, fica aberto e cabe ao leitor imaginar como seria o reencontro do casal, visto pelas impressões do evento narrativo, como também pela representação de uma família tradicional, perceptível pelos seus costumes e valores éticos e morais.

Por fim, a partir da leitura e recepção crítica de textos do livro intitulado *Câmara indiscreta* (2006), de José Augusto Coppi, notamos que a literatura cumpre com o seu papel por levar o leitor a atitudes essenciais, como à reflexão, à aquisição do saber e a um olhar crítico diante da complexidade do mundo. Assim, o trabalho tentou mostrar uma possível recepção crítica dos contos do autor, mas não se encerram nas considerações que levantamos, pois apenas apresentamos uma possível leitura. Por conseguinte, os textos estão à espera de outros estudiosos que possam contribuir para a organização, levantamento e análise de textos literários do escritor paranaense José Augusto Coppi.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAIRO, C. *Linguagem do corpo: aprenda a ouvi-lo para uma vida saudável*. São Paulo: Mercuryo, 1999.

COPPI, José Augusto. *Câmera indiscreta*. Rio de Janeiro: Litteris Ed: KroArt, 2006.

ECO, U. *Sobre a literatura*. 2ª ed. Rio de Janeiro, 2003.

_____. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução Johannes Kretschmer. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. *A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção*. Tradução Maria Ângela Aguiar. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS. Porto Alegre: Publicação do Curso de Pós-graduação em Letras, volume 3, Número 2, março de 1999

SOBRE A AUTORA

Possui graduação em Letras pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Jacarezinho - PR (1989), graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Piraju (1998), mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Maringá - PR (2005) e doutoranda em Letras pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) Assis - SP (2007). Atualmente é professor de Educação Básica II da Escola Estadual Nicola Martins Romeira, orientadora no curso de Especialização em Estudos lingüísticos e literários (FAFIJA), leciona as disciplinas Literatura infantil, Cultura brasileira e Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Norte do Paraná, Jacarezinho - PR . Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura infanto-juvenil e Literatura Comparada, atuando principalmente nos seguintes temas: Ricardo Azevedo, literatura, literatura infanto-juvenil e leitura.